

ANNO IV.

S. PAULO, (BRASIL)
Domingo, 24 de Agosto de 1902.

NUM. 34.

Indicador christão.

18. 2.^a FEIRA, S. Luiz, rei de França illustre pela sua vida e milagres.
26. 3.^a FEIRA, S. Zeferino, P. e M.
27. 4.^a FEIRA, S. José de Calazans, fundador dos Clerigos regulares das Escolas pias.
28. 5.^a FEIRA, S. Agostinho, celebre pela sua vida, santidade e sciencia.
29. 6.^a FEIRA, A degolação de S. João Baptista a quem Herodes desce-pou a cabeça.
30. SAB., Sta. Rosa de Lima, no Perú, celebre pela sua virgindade e penitencias,
500 dias de ind., assistindo á Missa das 7 horas no Coração de Maria.
31. DOM. XV p. Pent. S. Raymundo Nonato, chamado assim por ter nascido depois de morta sua mãe.



O Sentimentalismo moderno
e o Culto ao Purissimo Coração de Maria.



UMA das enfermidades mo-raes e caracte-risticas da nos-sa época é o *sentimentalis-mo* exagerado, que consiste na idealização e realização do amor profano.

A educação da infancia, a formação do coração e do character da juventude vasado nos moldes de romances immoraes ou frivolos, a vida social entregue ao luxo e ao prazer, o desmesurado e pouco criterioso cultivo das bellas-artes fizeram com que o systema nervoso adquirisse tal preponderancia e dominio na parte moral, que contadas são as pessoas que nos seus actos procedem com a fria impassibilidade e temperança precisas para agir devidamente.

Vive-se de impressões, age-se sem reflexão, a impulso das cegas paixões, escreve-se sem ordem, afogando o pensamento e a verdade nos delirios duma imaginação lôuca, e falla-se qual se escreve e pensa, revelando em tudo a interior perturbação e desconcerto das potencias da alma.

Jamais houve tanto furor pela Literatura, pela Poesia, pela Musica, pela Pintura, e jamais rareou tanto o numero de escriptores, de poetas, de musicos, de pintores dignos do nome de verdadeiros artistas. Na immensa maioria das Ora-

ções artisticas falta a verdade, a unidade, a ordem, mananciaes unicos da belleza.

Será por ventura que o sopro divino da inspiração artistica mais não afaga as testas laureadas? Será talvez que passou para sempre a geração dos genios, que pairaram em espaços de luz a contemplar de continuo, a beber, digamos, os purissimos raios da belleza ideal? — Não, que temos ainda esses genios, e bem potentes.

E' que nascidos, desenvolvidos, numa atmosphera saturada de sensualismo, e convivendo numa sociedade faminta de prazeres, faltam-lhes azas robustas, coragem de heroes para erguerem-se áquellas regiões, contentando-se de esvoaçarem a esmo, qual atordoadas borboletas de flor em flor, de belleza em belleza, libando ás vezes mortifero veneno na flor onde mais belleza cuidavam encontrar. Quaes serão os ideaes que realizam? — Os que contemplam. — Quaes os que ao publico agradam? — Os que estão em consonancia com o sensualismo dominante: — Ideaes eroticos,

despertadores de sensações vehementes, que abalam o coração, com o coração o juízo, com elles a moralidade precipitando afinal não poucas victimas no abysmo do suicidio mais horripilante!

Pobre coração dos filhos da hodierna sociedade! Não podes viver sem amar; esse amor, essa febre que soffres, causa-te essa sêde raivosa de prazeres, que não podes satisfazer sinão a custo da tua propria vida! Desengana-te: precisas um objecto que captivando-te com sua belleza, te purifique, te conforte, te eleve até a fonte primordial do amor, onde encontrarão felicissimo repouso todas as tuas aspirações.

A Divina Providencia, que ao lado da miseria põe o remedio, t'ò depara por modos admiraveis nestes dias. No intuito de te attrahir, ao seu amor offerece-te um objecto sensível suavemente harmonisadas as maiores maravilhas da natureza e da graça, o que ha de mais bello e embelesador, campeando sobre os sentimentos que mais docemente nos enfeitiçam, os sublimes enlevos da maternidade em ineffavel

consorcio com os divinos resplendores duma pureza virginal, que inspira naquelles que a contemplam affectos castos e puros, captiva-lhes o coração e lh'o conduz segura e infallivelmente ao amor da propria belleza e formosura increada.

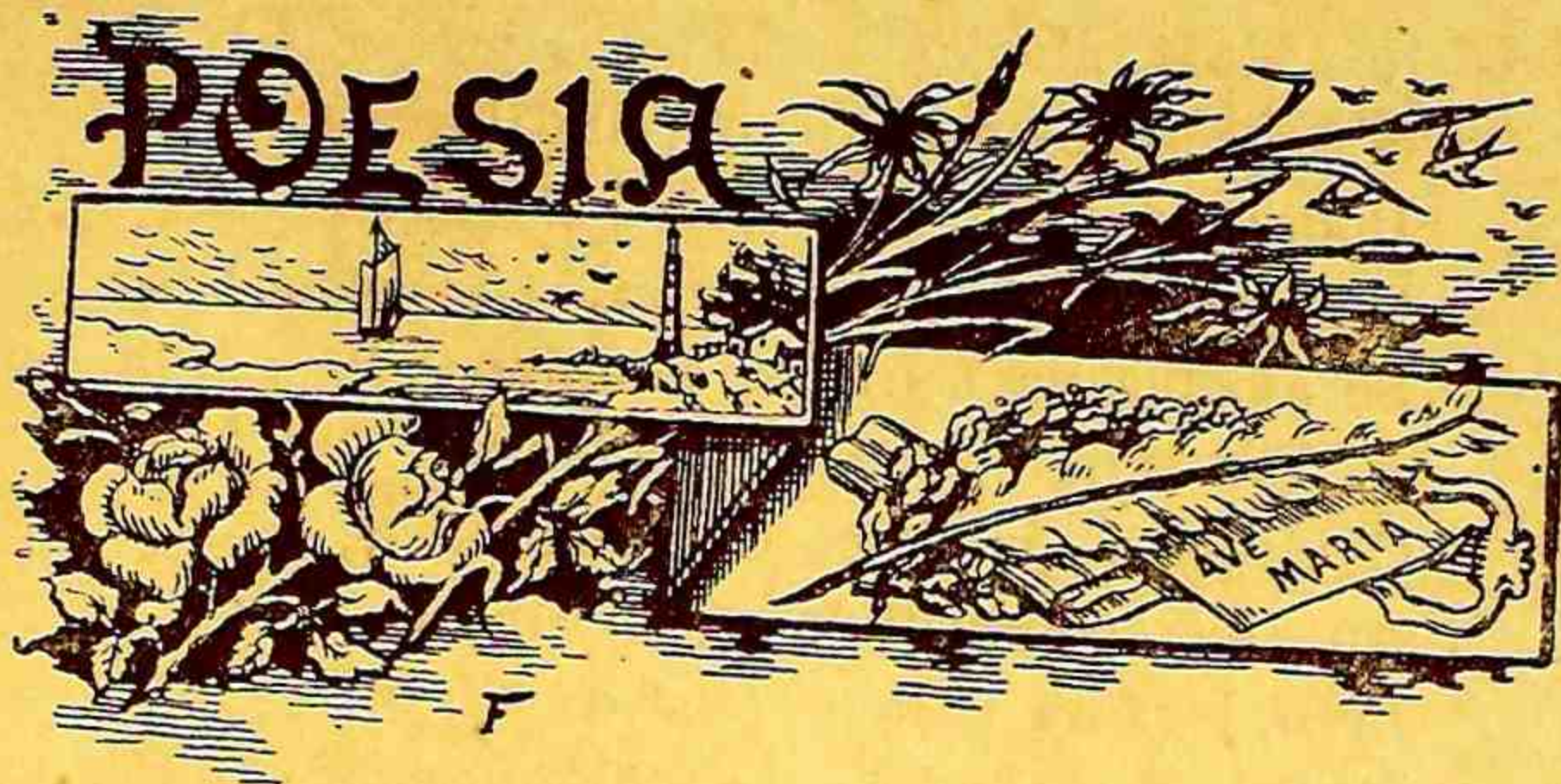
Este bellissimo objecto é o Coração Purissimo de Maria, adornado eminentemente pela mão de Deus das galas da criação inteira, perfeitamente acomplexionado, terno no sentir, doce e suave no amar, paciente no soffrer, meigo no callar, humilde e discreto no fallar, vivificante e soberanamente formoso no dar vida, colorido e belleza aos membros, purissimo nas affeições, Santuario da Divindade, lucido e limpo sobre o crystal; transfigurado nos candidos resplendores da Luz Eterna, abalizado com a Divina Maternidade... cheio de compaixão e amor para com os homens dos quaes por determinação divina foi feita Mãe, e tal, finalmente, que inflamma em suavissimos amores quantos corações o fitam, atrae-os a si, qual poderoso e doce iman e os deposita no seio de Deus.

O' vos, infelizes artistas, que sentis a necessidade de amar, de ser amados, com um immenso amor! Vinde, contemplaes este coração tão formoso e amavel do qual brotam as crystallinas fontes da Eterna Belleza, e extingui a vossa sêde devoradora!!

Vinde tambem, vós, os que arrastados desse excessivo sentimentalismo vos entregais ao triste amor das formosuras corruptiveis, que ao murchar-se deixam frio, morto vosso coração; vinde, contemplaes tambem este prodigio de amor e formo-

sura, que a bondade divina vos offerece!—Ditosos e felizes mil vezes si cahirdes nos laços de seu amor!!! Porque este Coração tão sereno e temperado nos seus affectos, tão bem regulado nos seus movimentos, e, em tudo tão bem ordenado e disposto, curar-vos-á essa enfermidade nervosa, que vos perturba os sentidos e as potencias espirituaes e devolverá a vossa alma a calma e serenidade, a clara luz ao entendimento e a paz verdadeira ao vosso coração.





Anchieta IX. Canto IV.



AVE, Maria! — Como um templo immenso,
 Depois das pompas de solemne officio,
 Majestoso, severo, inda fremente
 De canticos divinos, quando tristes
 Nos candelabros de ouro os cirios dormem,
 E a lampada sagrada a medo brilha
 Entre nuvens de incenso, derramadas
 Pelas naves sombrias; horas graves
 Em que muita oração, muito soluço,
 Soam atraz dos dóricos pilares,
 Tal nos parece a terra, quando ao longe
 Fenece o dia, e a noite se apropinqua...
 — Ave Maria!... O pavilhão celeste
 Sobre nossas cabeças se arredonda,
 Puro como a illusão de uma criança!
 No pórtico sublime do Oriente
 Surge fagueira a estrella vespertina,
 E, além, de nossas freguezias

Nos altos, alvejantes campanarios,
Sôa, pausado e lento, o velho bronze
Dobrando: — Ave Maria! — O viajante
Que vem de terra extranha, e a patria busca,
Se ajoelha na beira do caminho,
— Ave Maria! — Suspiroso falla.
O cabreiro que desce das montanhas,
Ao redil conduzindo a grei singela,
Pára, levanta para os céos os olhos,
E diz: Ave Maria! — A mãe querida
Chama zelosa a prole abençoada,
Junto á lareira da tranquilla choça.
E lhes repete a saudação divina.
— Ave Maria! ... na solidão dos mares
Murmura o navegante. — Ave Maria!
Resa o triste mendigo nos alpendres
Dos paços festivaes! — O rico e o pobre,
O poderoso, o humilde, o rei e o povo,
— Ave Maria! — nessas horas dizem! ...
— Ave Maria! — Pallida e chorosa,
Ella medita á porta da cabana,
A mais formosa e pura entre as mulheres,
Quando, volvendo á estrada os bellos olhos
A' luz incerta e frouxa do crepusculo
Avista o Filho amado e seus amigos. ■

FAGUNDES VARELLA.



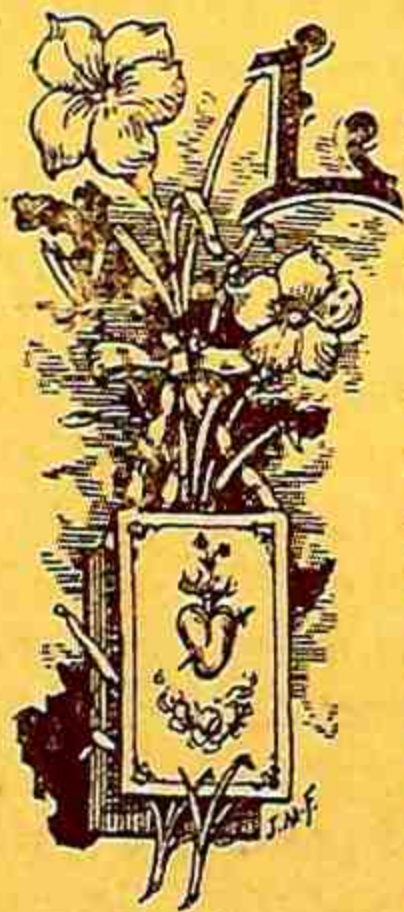


MARIA !

Sit in singulis Maria ut magnificent Dominum et exultet in Deo.

Esteja o espirito de Maria em cada um de vós, para que glorifique ao Senhor e em Deus se regosige.

(Palavras de Sto. Ambrosio.)



LEITORES:

Eu venho fallar-vos de Maria...

Mas fallar em Maria é fallar no amor, é fallar no idéal e isso é tão sublime que até já não chega a minha inspiração; e isso reclama tanta harmonia que a minha lyra sente-se humilhada

e proclama-se impotente; e isso é tão grande que os meus labios emmudecem e a minha penna recusa escrever. E tenho impetos de quebrar a penna mesquinha que não pode voar ás regiões do Immenso e deixar que no silencio eloquente de minh'alma, apenas falle o amor que

busca o Amor, o Amor que eleva os corações.

Descrever Maria!

Para que pudessemos descrever a mulher—escrevi metrificamente—era preciso que formassemos uma penna com os seus louros cabellos e que, embebendo-a depois no azul do seu olhar, fossemos escrever em letras côr do céu sobre o seu proprio coração.

Que direi agora referindo-me a Maria?! Que será preciso para descrevel-a?!

Todos sem uma unica excepção, fallam no amor, porque todos amam, mas ninguem ainda perfeitamente o descreveu, porque é indescrptivel. Muitos fallam em Maria, porque de Maria se enamoram muitas almas, mas ninguem pôde descrevel-a, porque a linguagem humana é despida de celestes côres.

Devemos, entretanto, ainda que de um modo pallido e mesquinho, traduzir pela palavra as sensações estheticas, e é assim que ora venho fallar-vos.

Que Maria me inspire e eu principio:

D'entre todos os seres contingentes, formados pela vontade expressa do Ser eterno, uno e trino, que cha-

mamos Deus, um a todos sobresahe como a sua obra prima e no qual como que empregou, com o mais acrisolado affecto, os segredos fascinantes de sua arte infinita; e esse ser e essa obra prima, a mais artistica e formosa em toda a creação, a mais admirada e inquerida pela razão, a mais doce e a mais cara aos corações, a mais pura e festejada entre os célicos espiritos, a mais grata e mais bella ao olhar perscrutador da perfeita Omnipotencia, é Maria, a Virgem loura, a casta Virgem de Nazareth.

Sim, porque Maria synthetiza os dons mais caros e sublimes evoados do seio aureolado do Creador dos mundos.

«Fecit mihi magna qui potens est.»

Abramos a historia. Lancemos o olhar para o Oriente, na idade antiga, e veremos a mulher reduzida á mais infima condição social, completamente escravizada ao homem e tida por elle muitas vezes como inferior aos proprios brutos. Passemo-nos á Roma pagã dos Cesares tyrannos e vel-a-emos ahi sujeita á ultima degradação, escrava do vicio vendendo—como disse um escriptor—a pudicia, á luz do dia, nas praças e nos salões.

Vejamos agora a mulher christã. Que metamorphose completa! Rainha pelo sentimento e pela virtude, dominando, por sua alma immacula e lyrica, a razão muitas vezes transviada e forte do homem, ella tem sido pelo exemplo, pela coragem e pela dedicação, um dos grandes sustentaculos do Christianismo, a grande propagandista da moral prégada pelo protagonista sublime das scenas do Calvario.

E porque? Porque na mulher pagã se retratava o crime de Eva e na mulher christã se retrata a virtude de Maria. Maria foi aquella que transformou a mulher pagã na mulher christã, as trevas em luz, o vicio em virtude, a carne em espirito, porque Maria foi a Mãe immaculada, isenta do estigma de Eva, d'Aquella que redimiu, nos povos, seus contemporaneos, na Jerusalém maldicta, as gerações passadas e futuras até o ultimo crepuscular dos seculos.

Deus, creando o homem, creou a mulher para onde elle devia convergir os seus mais caros e mais santos sentimentos. O homem, creando o peccado, alcançou a creação de Maria para a qual deve convergir, depois de Deus, o amor mais elevado. Si a mulher virtuosa e meiga vale sempre um coração, muito mais vale Maria do que a inteira Creação. Si a mulher é a maior inspiradora da poesia profana, Maria é a inspiradora potente da poesia sacra. Si a mulher é na terra a poesia viva, Maria é a poesia celeste que enche de encantos infinitos as mansões deificas.

Sim; Maria é grande, tão grande como o manto azul que envolve a immensidade. Maria é sublime, tão sublime como o olhar de Deus ás almas escolhidas.

E não sabemos o que nella mais admirar.

Aqui é a virgindade, fragrante como os lirios que embalsamam as brisas do paraiso. Ali é o amor, sublime como o Golgotha, estupendo como os braços destendidos da cruz do Salvador. Acolá é a misericordia, formando um templo mystico maior e mais sumptuoso que o templo de

Diana em Epheso. Além é a dôr, em todas as suas manifestações as mais horripelmente grandes, grandes como o vulto das impressões estranhas e triste como o aljofrar de lagrimas sentidas. Mais além é a gloria que scintilla como o pollen dourado das azas das borboletas.

E em Maria tudo isso se apresenta extraordinariamente vasto, de sorte que ella o representa de um modo perfeito e sobrenatural.

Estudemos Maria, physica, moral e socialmente, e encontral-a-emos sempre perfeita, sempre sublime, eminente sempre. E não podia ser de outra forma Aquella que, corre-demptora da humanidade, deu o nome dulcissimo de filho A'quelle que, pelo effeito incomprehensivel do mais gigantesco e infinito amor, abandonou o céu para, vindo á terra e tomando a materia vil que prende a alma humana, viver entre aquelles que lhe pagaram com a maior ingrati-dão, com o mais subido desprezo e com o odio mais entranhado, sua dedicação, seus sacrificios, suas graças e sua Cruz.

Maria! Que nome harmonioso e lindo! Cinco letras apenas formam esse nome, ante o qual o coração vibra em sensações mysticas e suavissimas, e cada uma dellas, onde scintilla o ouro da grandeza, o azul do infinito e as harmonias de bello, contendo um poema immenso de glorias e de amor, cujo valor unicamente os anjos comprehendem.

Maria é esse astro de primeira grandeza, essa Estrella brilhante da qual não nos fala a astronomia, porque ella não gravita no ceruleo espaço, a confundir-se com os outros astros, mas da qual nos fala a sciencia divina, que a vê gravitar em

torno do proprio Deus, no constellado firmamento dos espiritos celestes. Essa Estrella que, com scintillações de prata, illumina docemente as sendas immortaes.

Maria é essa rosa mystica que a botanica não estuda, porque pertence aos jardins paraísiacos, e que, com seu doce perfume, suavisa e embalsama a dôr, eleva e purifica a alma, desenvolve a virtude e dá encanto á vida.

Maria é essa pyra ardente, que a physica não define, porque é composta de um fogo mystico e sobrenatural, essa pyra que attrahe, como immensa voragem, a pyra imperfeita do coração humano para purificá-la, para engrandecel-a.

Maria é essa Mãe cujos sentimentos a psychologia não consegue analysar, porque estão muito além da humana comprehensão. Essa Mãe que acolhe ao seio seu, grande em amor, infindo em pureza, intermino em carinho, scintillante em gloria, vasto em poder, sublime em perdão, a intellectualidade inteira, habitante na terra e nos páramos das glorias immortaes.

Maria é essa Rainha que a sociologia não comprehende, porque o seu reino offusca pela luz, Rainha sublime que domina em gloria por entre o scintillar da apotheose universal.

A synthese do bello no physico e no moral, eis, em duas palavras, o retrato de Maria, ou melhor, na linguagem dos santos: *De Maria nunquam satis*: De Maria nunca se diz bastante.

E essa Virgem, a mais perfeita obra da Creação, Aquella que delicia o proprio olhar de Deus, Aquella que os escriptores e os poetas mais

illustres têm procurado sempre exaltar, no vôo scintillante e rapido do genio, Aquella que tem de seu passado a historia mais estupenda e arrebatadora, historia sobre cujas paginas immaculadas o futuro e a eternidade lançarão os mais sublimes laureis; essa Virgem anda unida aos homens pelos laços estreitissimos do amor. Ella, que dá a Jesus-Christo o nome de filho, nome este que synthetisa o lyrismo querido das almas bem formadas, ella nos dá a todos nós esse mesmo nome, porque tem sempre presente á memoria a phrase da Victima Augusta pendente de uma cruz: *Mulier ecce filius tuus*: Mulher eis o teu filho; ou antes, ama os homens como filhos.

E ella assim faz, e ella nos ama com um amor incomparavel e infinito.

A séde do amor, pelo menos assim está estabelecido, é o coração. Pois bem; vejamos o Coração de Maria, não pelo lado physico mas pelo lado moral, e não poderemos deixar de encontrar ahi os mais puros e elevados sentimentos, presididos pelo amor em todo o seu mirífico paroxismo, em toda a sua consummada perfeição.

Maria nos ama, e porque odial-a? Porque pagar com odio o seu amor?!

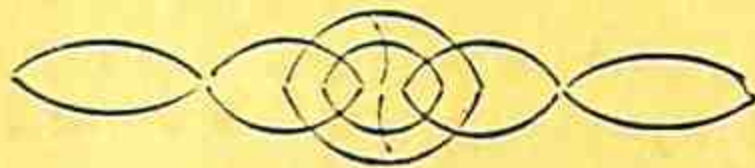
Amor com amor se paga, lá diz o conhecido aphorisma, e o amor da Virgem só traz ao culpado consolo e esperança, e o amor de Maria só traz ao homem delicias e alegrias.

E' necessario que o homem lance o seu coração no abysmo immaculado do Coração de Maria; e emquanto assim não proceder e emquanto se não deixar, sobre as azas sericeas e diaphanas do amor, conduzir á Maria, em todas as manifestações de sua alma immortal a misteres grandiosos destinada, a heresia será seu berço, o crime a sua vida e a impenitencia o seu fim.

Maria é a salvação, e é preciso que nos salvemos. Vamos, pois, a ella, deixemo-nos attrahir mellifluamente por esse abysmo de amor, por esse Coração Immaculado que busca os corações, para que possamos penetrar os humbraes da eternidade feliz, onde Deus impera, onde Maria reina e onde os homens gozam as venturas indescriptiveis da Jerusalém celeste, por entre as harmonias tiradas ás aureaes lyras dos angelicos coros, no potente tremeluzir da gloria e na manifestação definitiva e encantadora da Vida.

J. H. de FREITAS.

Rio de Janeiro.





Não tenho Mãe.



Poucos annos ha que passava, o que isto escreve, pela Estação de Miranda de Ebro (Espanha), onde precisou mudar de trem para embarcar no de «Hendaya,» e no entanto iam sahindo os de Zaragoza para Madrid, sem que o nosso trem se

puzesse em movimento. A tarde, que na chegada a Miranda não estava completamente má, tornou-se chuvosa. Começaram baixar as janelas os passageiros em todos os carros, esperando a hora de partir. Nada se ouvia, sinão os apitos e movimentos das machinas que iam e voltavam, as gottas de agua que cahiam silenciosas e a voz de uma menina, como de 11 annos, que andava pelos estribos dos carros de primeira classe dizendo: «Uma esmolinha; não tenho mãe!» Com uma mão assegurava as pontas dum lencinho preto que cobria sua cabeça e com a outra alimpava por fora os vidros das janellinhas empannadas já pelo vapor da agua que começava a correr. Logo fitando os olhos nos viajantes repetia:

«Não tenho mãe; senhorita, uma caridade: Senhor padre, não tenho mãe.»

Commovia profundamente ver aquella menina, da qual me tenho lembrado muitas vezes: nunca tinha visto pedir tão formosamente. E a menina parou diante duma janellinha, fitando os olhos em uma senhora moça que observou levava a mão á algibeira. Cuidava que ia dar-lhe alguma cousa, mas a senhora tirou da algibeira um silvo lencinho que levou a seus olhos. Tornou a menina de novo a dizer: «Não tenho mãe:» e saltou do estribo, porque os carros começavam mover-se entre os apitos das machinas. Pouco depois, já não se ouviam os ruidos, nem a chuva, nem a pobre menina. Nada, nada, nem mesmo os passageiros falavam entre si; cada qual estava quietinho com esse prazer particular que se tem, de se ver ao abrigo de tudo numa tarde triste e chuvosa como era aquella: — O que tens meu Affonsinho? porque choras? — Se te vejo a ti chorar? — Ai! não chores, meu filho; não chores, porque me farias mais chorar. E tomando-o nos braços, deu-lhe um beijo, assim ardendo como estava, e o apertou contra seu peito. Passava-se isto entre aquella senhora do lencinho branco, e um menino de 6 annos, sem que disto se dessem conta outros viajantes que iam naquella carro.

Pondo na bocca do menino um doce, deu-lhe novo beijo.

Affonso, que não affastava seus grandes olhos azues do rosto de sua irmã, pouco a pouco os foi fechan-

do até ficar completamente adormecido.

E ella no entanto ficou-se olhando para o rosto de Affonso contente de ter podido consolal-o. Só Deus sabe o que goza o coração duma mãe ou d'uma irmã, quando alcança isso. Menos cuidado poz em se consolar a si mesma, ainda que bem precisava. Todavia lhe parecia ouvir lá ao longe a pobre orphãsinha dos tristes olhos: «*Não tenho mãe*: sem que ninguém della fizesse caso ainda sem que ninguém excepto ella a comprehendesse. Pobre menina, dizia, sem mãe! E logo olhando seu Affonso dormindo, pobre menino que já talvez não tens, nem eu, mãe!, o que será de nós? Quem te quererá, meu filho? E se eu te faltar; onde irás? Quem sabe se algum dia como essa pobre menina da estação, elle ou eu?!...»

Neste instante Affonso, como se entendesse o que se passava no espirito de sua irmã, respirou mais forte, levantando todo o peito, deu um suspiro e se mexeu nos braços della como si quizera já accordar. Olhou para elle e viu que ainda dormia como de primeiro; deu-lhe outro beijo e ficou de novo pensativa; mas o que pensava era aquelle «*não tenho mãe*, da outra menina: feliz de vós, dizia, os que tendes mãe; amae-a muito, amae-a muito. Eu também a amava, e agora não poderei... Quando eu acordava de noute também a chamava *mamãe*; e ainda que me não respondesse, dormia de novo e chorava como agora que a chamo e não sei se me ouve.

Daqui por diante já só saberei chorar e rezar pelos mortos, e por ti, meu filho, disse suspirando e olhando para Affonso. E como com um beijo deixou dormindo, com outro o despertou. Ditosos sonhos que assim começavam e assim acabavam! Que bem dormem os que dormem assim entre os braços e no seio dum anjo! Reparando logo Affonso na luz que tinham acendido, em quanto elle dormia, disse a sua irmã, apontando com a mão. Olha, quem foi que poz isso? Porque é de noute — Já? — Sim. — Pois, quando chegamos? — Tens muita vontade? — Sim. — Porque? Porque sim; e porque vere-

mos a mamãe, e lhe direi, acrescentou devagarinho e em voz baixa, uma cousa. — O que lhe dirás? — Uma cousa.

Diz-m'a também a mim. — Não quero. — Vamos sim, dir-me-ás Affonso. — E baixinho disse: erguendo-se até o rosto de sua irmã e fechando os olhinhos: — Lhe direi que chorastes naquella estação grande. — Olha, pois, tu também choraste, lhe respondeu, contendo as lagrimas como pôde. Sim; porque me fizeste chorar primeiro. — Não, meu filho, tu me tens feito e me fazes chorar a mim, lhe disse abraçando-o.

Quem tinha razão?!.. Mas ambos diziam a verdade.

E callou o resto, porque não lhe podia dizer. Oh! como foi triste essa tarde para ella! Quasi não tinha feito desde Miranda senão chorar. Affonso que tinha presente; a menina que viu na estação; e sua mãe da qual se aproximava por momentos. Mas se a tarde foi para ella tão triste, o que seria a noite? Finalmente ás 10 horas pouco mais ou menos, chegava o trem a S. Sebastião: alli desceram Affonso e sua irmã. Emquanto uma creada tomava o menino, ella perguntou em voz baixa a certa pessoa: ? Tenho mãe? Não sei, minha filha, lhe respondeu esta, enxugando os olhos: vamos, vamos depressa.

Pouco depois echoavam os apitos do trem, que continuava seu caminho e fazia medo e tristeza ouvil-os no meio da noute fria e escura, similhando gemidos prolongados do trem, como si este fosse chorando: pouco depois um ruido que se perdia, que se perdia,.. depois nada. Numa estação deixou aquelle trem uma pobre-sinha dizendo: Não tenho mãe: nesta deixava outra, perguntando sea tinha. E olhando a irmã de Affonso no gare pela ultima vez aquelle trem, que lhe havia trazido, tirou de novo o lençinho branco, como em Miranda, porque se lhe apresentava talvez diante a imagem daquelle menina dos olhos tristes, como se respondera quando ella perguntava se tinha mãe.

Mas os desgraçados se fallam sem que se vejam e até se amam sem se conhecerem!. Que cousas passam, ás vezes entre dois corações, por affasta-

dos que estejam sem que ninguém nada saiba!

Já não vi mais Affonso nem sua irmã, cujo nome nunca pude saber, ainda que soube e entendi as cousas que tenho dito e outras que callo. Elles ficaram em S. Sebastião e eu continuei a minha viagem, olhando desde as janellinhas a deliciosa cidade. Como o céu estava tão escuro, viam-se apenas as luzes que desde a estação levam á cidade e mais além as luzes do terceiro ou quarto andar de algumas casas. Dalli a pouco foram desaparecendo as luzes, e a cidade ficou longe... longe...

Alguma pedra, algum montesinho, alguma arvore se punham diante, e desapareciam logo fugindo como faiscas electricas, que davam medo. Parecia-me por outra parte que tinha ficado sózinho, mais sózinho desde S. Sebastião, desde que não via mais Affonso e sua irmã. Nunca os tinha visto, senão aquella tarde; não lhes tinha fallado uma só palavra em minha vida e com tudo em segredo os amava desde Miranda, e lhes queria tanto, não sei porque, e pensava nelles.

Onde estão agora? Terão podido ver e abraçar a sua pobre mãe? Quem consolará o pobre Affonso? Como se consolará sua doce irmã? Mas as lagrimas que se choram por uma mãe são dessas lagrimas que nunca se acabam, que sempre tornam e tornam de novo aos olhos.

Não sei porque, porém qualquer coisa me faz pensar logo na Virgem e assim então se me foi para ella naturalmente o pensamento; pensei nella aquella tarde muitas vezes, lembrei-me alli de uns versos que sabia de cór:

«Mãe, se não existiras
Triste o mundo estaria
E o homem na sua orphandade
Certo! Te inventaria.»

Sim, sim, minha mãe, se não existiras meu coração te inventaria. Oh! como seria triste a vida do homem neste mundo si não tivesse esta mãe! De veras se a Virgem não existisse a devíamos inventar para termos mãe! Como me pareceu então a Virgem, doce e formosa! E entendi melhor,

entendi que os poetas dizem as vezes grandes verdades, que o não parecem, e como alguns chamam expressões atrevidas de uma imaginação doida, essas que são com frequencia echos sublimes da nossa natureza, ou gemidos profundos de nosso coração. Pedi á Virgem que fosse sempre minha mãe, que não me abandonasse, nem tivesse que dizer algum dia: «Não tenho mãe,» como a menina de Miranda, como Affonso e sua irmã. Enfim cansado fiquei dormindo, sem saber como, dizendo antes, como todas as noites, ao deitar-me.

Filho sonhei de ser sempre
Do Coração de Maria;
Não permittaes que vos deixe;
Não me dexeis ó Mãe minha.

O Coração de Maria

symbolisado na criação do universo.



AGNIFICO, grandioso e surpreendente é o espectáculo que offerece a natureza ás vistas do observador attencioso, que se detem na contemplação das suas maravilhas. Este palacio sumptuoso que Deus construiu para a manifestação da sua gloria, apparece exornado de tantas graças embellezado de taes encantos e aformoseado com tal primor, que só Aquelle, que o fez, pode contar suas grandezas, abranger a immensidade da suas dimensões e contemplar de relance a variedade quasi infinita das suas perfeições. Quem medirá a immensidade dos mares, a vastidão dos céus, a infinidade dos astros? Que espirito haverá tão in-

sensível que não se sinta como que immerso na mais profunda admiração ao contemplar numa noite serena a capacidade immensa dos espaços celestes, a resplandecencia desses mundos luminosos e a regularidade dos seus movimentos? Quem poderá explicar o prazer indizível que o homem experimenta, quando sentado á sombra duma arvore frondosa vê deslizarem-se aos seus pés as crystalinas aguas de tortuoso riacho a semear o verdor e as graças em suas margens perfumadas?

Entretanto, todas estas bellezas, todos estes encantos, a formosura da criação inteira é apenas um palido reflexo ou antes um symbolo imperfeito da formosura das bellezas sem numero do *Coração de Maria*.

A criação desse innumerados entes visiveis não é mais do que um espelho onde se reflecte a perfeição do mundo invisivel; todo o mundo corporeo não é senão uma expressão externa, uma como que manifestação visivel do mundo espirital na phrase do Apostolo: «*Fide intelligimus aptata esse saecula Verbo Dei ut ex invisibilibus visibilia fierent*. Hæbr. XI—3.» Assim, pois, a criação do mundo corporeo representa as bellezas do mundo espirital. Ora, si todos os entes dotados de intelligencia estão representados nesse radiante espelho, como outras tantas imagens que o embellezam, communicando-lhe sua formosura, nenhum delles, depois do Coração de Jesus, entrou tanto na economia da Providencia ao representar esse magnifico panorama, como o Coração I. de Maria.

Todo o universo, os mundos, a criação inteira tem por fim Jesus Christo, sendo Elle, como é, o primogenito da criação, *primogenitus omnis creaturae* (Colos. I 15) e a quem Deus constituiu herdeiro de todas as cousas: *Quem constituit hæredem universorum*. (Hæbr. 1-2).

Ora, que creatura esta mais internamente relacionada com a Humanidade adoravel de Jesus-Christo do que o Coração purissimo de Maria?

Foi de seu Coração Virginal que se formou essa Humanidade santissima; foi seu coração virginal a terra de José d'onde brotou a vara divi-

na que havia de reger o mundo; foi seu coração virginal o manacial d'onde brotou essa fonte maravilhosa que salta até a vida eterna, foi em seu Coração que se fez carne o Verbo Incarnado, foi nelle que se estreitou a immensidade e no seu purissimo seio morou pelo espaço de nove mezes Aquelle a quem os céos não o podem conter. *Quia quem caeli capere non poterant tuo gremio contulisti*, canta a Igreja cheia de jubilo e enthusiasmo.

Que creatura houve nem haverá jamais no mundo a quem o Filho de Deus chame com propriedade sua mãe? Sômente o Coração de Maria, sômente seu Coração foi digno de tanta gloria, porquanto, si é certo que muitas são *almas dilectas de Deus nas quaes elle se apraz, numa só é que Elle se delicia, uma só eleita entre milhares. Una est columba mea una est perfecta mea*. (Cant. VI-8)

Ainda mais, attendida a previsão da intelligencia divina, o Coração de Maria estava relacionado necessariamente com as obras do Omnipotente e podiamos dizer ia traçando nas creaturas um palido esboço de todas suas perfeições. E na verdade; Christo não se concebe sem o Coração de Maria, e Jesus-Christo na previsão da providencia havia de ser o restaurador da natureza; o anel de ouro que prendesse a creatura ao Creador, e o ultimo degrau na escala dos entes. Elle foi, portanto, o Prototype da criação do mundo visivel, e as creaturas serão tanto mais perfeitas quanto mais attingirem este divino exemplar.

Ora, si Jesus-Christo, como é de fé, foi formado do Coração de Maria, quem poderá contestar, que este Coração teve uma parte principal no plano divino? Em todas as obras da criação encontram-se representadas algumas das perfeições deste Coração purissimo.

O céu e as nuvens, o mar e os ares, o sol e a aurora, as plantas e as arvores, as aves e os peixes e ainda os animaes do campo se nos apresentam na S. Escriptura como symbolos das perfeições deste Coração Immaculado.

Ahi estão as *arvores do paraizo*,

thuribulos de ouro. (Hæbr. IV.) A lampada ardente, urna admiravel (It. arca verdadeira (Exod. XXV), sarça incombustivel, (Exod. XXXII), vara florida de Aarão. (Id.)

Neste dia, por tanto, admiremos as obras da criação, e cantemos as grandezas do Coração de nossa Mãe, representadas em cada uma d'ellas. Lancemos um olhar sobre o quadro da criação, e folhemos pagina por pagina esse grandioso livro que Deus abriu diante dos nossos olhos; traslademo-nos, atravessando a longa serie de annos que precedem, lá nos primeiros dias em que a fecundidade de Deus produziu obras tão maravilhosas, e recolhamos d'entre as sombras do mundo visivel ao menos um raio de luz com que possamos perlustar as grandezas incomparaveis de nossa Mãe dilectissima.

Pouso-Alegre, 14—8—1902.

O Refugio.



Vi-o, era criança encantadora, enlevo, por sua rara formosura, de quantos extasiados o contemplam. Divertia-se um dia brincando com a innocente alegria do cordeirinho farto de leite, que arrancou ao seio materno, quando fatidica correu a voz entre o povo: coitado! sem pae! E elle innocente ficou ainda a brincar, pensando que o pae dorme no leito socegado. Veio

depois a epidemia. Oh! o monstro passeia impiedoso pela cidade toda. Não o arreda a belleza, que sucumbe e murcha a seus golpes; da força caçoa, e sua gloria é ver por terra a robustez da mocidade; não respeita as cãs, dedigna-se da compaixão, agrada-se com a fraqueza. Ao menos esse grupo é uma criancinha e uma fraca mulher apertados num só coração, dividindo as alegrias e tristezas e pedindo um para outra a salvação e a vida. O monstro pára, delibera e afinal contenta-se com uma. Morreu a mãe!

O orphão! Vi-o tão triste, esfarrapado, alagado, a mão esquelada e secca, pedindo um pedaço de pão com que matar a fome, e recolhe-a depois vasia.. Vi-o sentar-se depois num poial, a cabeça entre as mãos, a recolher as lagrimas que só elle saberia enxugar... vi-o olhando para o mundo e achar-se tão só... morto com vida... E vi minha alma depois, e era assim mesmo. orphã tambem! Infinita e sem limites em aspirações immensas, tentou mendigar do mundo o que no coração se lhe antolhava; pediu prazer, pediu gozar, pediu ter; sequiosa alargou o calix, enganada acreditou ser a tentação seu amparo, o mundo seu pae, a terra sua patria! Pobre alma minha, orphã desamparada, prodiga esfarrapada... cahiste no laço, o mundo te abandonou, não tens mãe... Ella chorou, parecia a fome, estava para expirar á mingua de mãe... só no coração havia uma esperanza... presentia outro coração, via a Maria com o coração aberto a convidar com

amor, e alma orphã deixou-se descancar no coração amante. A-
chou mãe, achou refugio. O
Coração de Maria é refugio dos
desamparados, é meu refugio.

Vi o soldado tão longe do lar
e da familia, metter se em acções
arriscadas; vi-o ferido, cahido, lu-
tando sosinho com a morte; elle
que não pode mais resistir, no
ultimo e supremo esforço deita
pela bocca o que guardado e sel-
lado tinha no coração: minha mãe,
morro. E vendo morrer o mar-
tyr do dever, que triste pensa-
mento: Soldado de Christo, quan-
tas vezes vi os inimigos pertos,
quantas almas feridas, quantas
batalhas perdidas... quantas pre-
sas dos inimigos. Oh Mãe! Nas
tentações, luctas, nos abandonos,
quando tudo me faltou, ainda a-
chei um refugio, lembrei-me da
Mãe e ao expirar nos ultimos es-
tortores da agonia Maria abriu-me
o Coração. Era soldado de Christo
que morre: lembrando-me da Mãe
achei meu refugio.

Vi o azul em terra extranha
e inculta lembrar-se com mortaes
saudades da fartura e abundan-
cia da casa e da patria trocadas
agora em abandono e em deserto;
vi-o de noite deffender se das in-
temperies da athmosphera incle-
mente recolhendo-se embaixo da
palmeira e receber aquella mes-
quinha piedade com agradeci-

mento inexprimivel, vi-o comer o
pão da tribulação, amollecido com
suas lagrimas, vi-o despresado de
todos e quando imaginava que
era o mais infeliz dos mortaes vi-o
a vir e a alegrar se conversando
com o retrato da mãe... E eu,
exul na terra, tão sosinho no
mundo desleal, me lembrei de
ti, e minha Mãe, e vendo teu Co-
ração aberto tambem eu exultei;
ainda tenho refugio.

E vi a avezinha perseguida
achar refugio na abertura do ro-
chedo, e vi os peixezinhos escond-
der se nas profundidades do mar,
e vi os pintos a fugir do milão
recolhendo-se sob as azas da gal-
linha, e vi o sol cansado de aturar
as maldades da terra recolher-se
de noite em novas moradas es-
condidas... e eu perseguido não
sabendo onde fugir acolhi-me á
pedra viva de teu Coração, me
refugiei no oceano immenso de
tuas graças; e, a ponto de ser pre-
sa de meus inimigos, em teu Co-
ração achei refugio.

Orphão achei Mãe amorosa,
soldado ferido achei consolação,
exultei com a repatriação, e pec-
cador perseguido da justa in-
dignação, não sabendo onde es-
conder-me da face irada de Deus,
buscando achei refugio: teu pu-
rissimo Coração, o Mãe Maria.

Campinas, 22—8—1902.



